

Elogio histórico do professor do Instituto Superior de Agronomia Bernardino Camilo Cincinato da Costa

POR

D. A. TAVARES DA SILVA

Professor do Instituto Superior de Agronomia

SENHOR PRESIDENTE,
MINHAS SENHORAS,
MEUS SENHORES :

Encontrando-me neste lugar, por virtude duma determinação do Conselho desta Escola, julgo oportuno parafrasear a antiga joia literária de D. Francisco Manuel de Melo, que o prefácio das suas cinco primeiras centúrias de cartas constitui, e, por isso, direi como êle: «Assim como pede a cortesia que saíamos a receber à porta de nossas casas, com alguma cortês demonstração a nossos hóspedes, manda a urbanidade que com alguma advertência vamos encontrar nossos ouvintes ao princípio de nossos discursos.

Lá costumam aqueles desculpar-se aos outros, de que não sejam bem agasalhados; e cá estes se escusam a êst'outros, de que sejam mal instruídos.

... Vós que sabeis o meu natural e não ignorais o meu cabedal, é certo que não recebereis com sobressalto a inutilidade das minhas palavras. Do mesmo vos peço que vos lembreis, quando as julgardes, para que vos não deis por ofendidos da sua pobreza.

... De ordinário os affectos valem como os números, segundo o lugar onde estão postos... e o peito aberto mal pode fingir, e menos compor-se a ignorância».

Feita esta bem cabida advertência—e a despeito dela—sinto-me satisfeito neste lugar que o Conselho Escolar me marcou, pelo acaso individual de eu ter a grande honra de, há vários anos já, estar regendo a cadeira que foi propriedade de Cincinato da Costa. E sin-

lo-me satisfeito, repito, embora alanceado pela saúde, porque cumpro um dever oficial e me encontro, ao mesmo tempo, perante um auditório selecto que muito bem conheceu o professor Cincinato da Costa, e no qual se contam muitas pessoas que, como eu — e desde que fui seu discípulo—tiveram a ventura de merecer a sua estima.

Confesso que se assim não fôsse eu reagiria e declinaria o honroso encargo, pela insuficiência própria e pelo receio também de que o meu selecto e egrégio auditório tomasse as minhas palavras mais como exageradas do que justas, por mais fabulosas do que verdadeiras. Mas em semelhante meio—embora seja espinhosa a tarefa e difícil a minha situação—vou falar com o espírito sossegado, com o coração aberto, com o estímulo que emana da superioridade da causa que provoca as minhas palavras, a que empresta brilho a grandeza da mesma causa. E ninguém contestará, certamente, que é grande memorar as altas qualidades, virtudes e relevantes serviços do eminente professor e engenheiro—agrônomo, que teve nome na nossa terra—como astro de primeira grandeza na minguada constelação dos nossos cientistas—que passou mesmo além fronteiras e que se chamou Bernardino Camilo Cincinato da Costa.

E assim, bela, eloquente e gloriosa será esta homenagem ao ilustre e inolvidável morto, não por merecimentos meus—que são nulos—mas sim pelas virtudes dele.

Vou tentar a análise da vida de Cincinato da Costa, como professor, como técnico, como chefe de família, como político e como homem de coração na sociedade, mas antecipada e seguramente convencido de que me não será possível levar a bom termo tão árdua tarefa, sem modéstia o afirmo, e não coro da minha insuficiência, porquanto, para que possamos «definir e julgar com inteira verdade homens superiores, que nos provocam sincera e justa admiração, impõe-se o perfeito conhecimento de todos os factores que influíram na sua criação e educação. E só por esta morosa e difícil maneira se pode segui-los sem o perigo de errar caminho, mercê de puras miragens. E isto sem embargo do que, na superioridade intelectual, há sempre de irreductível, invulnerável e inacessível ao exame do mais sagaz».

O professor Cincinato da Costa, que pertencia à casta mais nobre da Índia, nasceu na freguesia de Margão, concelho de Salsete (Goa) no dia 5 de Agosto de 1866, filho do distinto advogado e escritor rural Dr. Bernardo Francisco da Costa e de D. Luiza Melina Masoni da Costa. Neto paterno de Constâncio Roque da Costa e de D. Ana Clara Constância Carlota Álvares da Costa e materno de Vi-

cente Tito Masoni (insigne violinista que tocou na côrte de D. Pedro V, mandado de Itália pelo Conde de Farrôbo) e de D. Farni Ribote.

Matriculou-se no Instituto Geral de Agricultura aos 14 anos, freqüentando, como aluno pensionista, os cursos de Agronomia e Veterinária, sempre com óptimo aproveitamento.

Testemunha o ilustre professor Sousa da Câmara, na recente biografia do ora homenagiado que: «revezes de fortuna lançaram-no em dificuldades enormes; porém longe de abaterem o ânimo, já então varonil, dessa esperançosa criança, com catorze primaveras apenas, serviram para lhes estimular a coragem na luta pela vida, agora necessária. E bateu-se cheio de valentia, rudemente, sem esmorecimento, contudo manifestando sempre, em todas as contingências, a maior integridade de carácter. Trabalhou muito, muitíssimo, mas labutar honestamente, elevar-se à custa de esforço íntimo, entendeu e bem, não é desprimoroso, ao contrário é pergaminho de legítima altivez, que enaltece e glorifica quem aplica gloriosamente a sua actividade, quem exercita a sua energia».

Em Dezembro de 1886, diz ainda o mesmo distinto biógrafo, concluía o curso de Agronomia com a defesa duma magnífica dissertação, sob todos os aspectos: «A questão dos trigos em Portugal».

Durante o acto manifestou tal vivacidade, tanta clareza de espírito e tão dilatados lampejos de entendimento que lhe asseguraram desde essa hora, o lugar de professor no Instituto. Foi nêle provido por direito, por justiça, logo no ano seguinte, mediante concurso de provas públicas.

As lições, proferidas então, de largo folego e desprendidos vãos pelo espaço ilimitado da mais pura, da mais moderna ciência, causaram certo assombro, predispuzeram favoravelmente o auditório sem tardança... O autor da inestimável «Tecnologia Rural», ouvindo-o, comprazia-se, vaticinara que a superior distinção dessas provas, lhe afiançavam um futuro invejável. Filipe de Figueiredo acrescenta: e não se enganou Ferreira Lapa na sua profecia, porquanto, o seu discípulo e sucessor tem sabido brilhantemente honrar o mestre e a classe agrológica».

Deixou-nos Cincinato da Costa nessas lições e na sua dissertação de concurso a primeira e mais frizante demonstração do invejável modo de ser do seu espírito. Não será fácil encontrar, até então,—pelo que consta da tradição—nos fastos do Instituto nem dos das outras escolas superiores, concurso que mais evidenciasse a superioridade

dum talento. Marcou uma época e o primeiro lugar entre os oito concorrentes, que a concurso se apresentaram na mesma ocasião.

Em Junho de 1887 foi nomeado professor da cadeira de Tecnologia Agrícola onde radiante surge a sua figura insinuante e dominadora, e donde projecta tóda a luz da sua privilegiada inteligência, mediante o segrêdo, muito seu, de tóda a fascinação da sua prestigiosa palavra, que eu tive a honra e supremo prazer de ouvir como seu discípulo. Disse Mendes Leal que, por êste nosso século, o aturado cança, o doutoral e sentencioso parece ridículo ou pelo menos vaidoso, o rude e singelo enjoa. Quer-se a arte, acrescentava, quer-se a ciência, formosa, polida, elegante, como as mobílias, como os livros, como os edifícios, como tudo. Pois Cincinato da Costa, ministrando ciência na sua cadeira de Tecnologia Agrícola, observou com inextinguível rigor e fidelidade, e sempre mercê de incontestáveis dotes naturais, êste preceito do nosso ilustre escritor.

Na verdade, qualquer que fôsse o assunto tratado, da sua vasta cadeira — doutrina revolucionária, verdade incontestável ou questão litigiosa — jámais do alto da sua cátedra a sublimidade do pensamento disputou mais primazia ao encanto da forma e à elegância da imagem. Era um professor que não tinha dias felizes, como é regra, pela simples e soberana razão de que todos êles eram felizes, o que é raríssimo, como o sabem quantos passam pelas escolas. O professor Cincinato da Costa era, enfim, um muito apreciável cultor da arte da palavra, daquela arte a que o talentoso e erudito professor Latino Coelho chamou, numa página luminosa, a mais bela, a mais expressiva e a mais difícil de todas as artes. De todas as mais se entretece e se compõe; são-lhe as outras como que ancilas e ministros — ela soberana universal.

Era com esta arte que brilhava e era com a sua ciência que lutava o professor Cincinato da Costa nas memoráveis pugnas travadas na Associação Central da Agricultura, na Sociedade de Ciências Agronómicas e nos notáveis congressos viti-vinícola de 1895, vinícola de 1900 e no de leitaria e oleicultura de 1905.

A eloquência do professor Cincinato da Costa sei recordá-la, mas é-me impossível descrevê-la, mormente quando me acode à mente o formidável e empolgante duelo oratório e científico travado no Congresso vinícola com êsse outro grande orador que se chamou Manuel Pestana da Silva.

Sucede-nos ao tentar essa descrição — salva a devida distância — coisa idêntica àquela que se passava com um grande poeta nosso:

— *não sabia pintar, em suas estrofes divinas, os olhos que os seus tinham cegado.*

Cincinato da Costa, além das suas lições magistrais, investigou no laboratório. Fez experiências comparativas sobre o valor alimentar do pão do trigo mole e rijo, procedendo a ensaios fisiológicos no homem e no cão, verificando a diferença de assimilação dos diferentes pães.

Seleccionou os fermentos do vinho, da cerveja e do pão, por meio de culturas puras, em meios sólidos e líquidos.

Realizou várias pesquisas sobre a propagação sporígena dos *Saccharomices* em meios sólidos da batata, beterraba e cenoura.

Demonstrou por ensaios repetidos que a fermentação alcoólica dificilmente pode ir além de 16 % de álcool, por mais elevada que seja a riqueza sacarina dos mostos e mais favorável seja a temperatura. E do facto deu conhecimento à Academia das Ciências de Lisboa, em comunicação científica.

Em ensaios, repetidos em vários anos, chegou a conclusões semelhantes às de Ferreira Lapa e Sieuve, relativamente à influência nociva dos óleos da amêndoa da azeitona no azeite do mesocarpo da drupa, atribuindo a uma diástase especial da amêndoa a alterabilidade dos azeites extraídos com grande trituração e esmagamento do caroço.

Verificou, por numerosas análises, a propriedade do amphotismo do leite.

Como técnico e propagandista das boas práticas agrícolas, foi notável a sua acção, quer escrevendo relatórios, livros e artigos, quer em conferências públicas. Assim, escreveu: Estudos ampelográficos; O ramisco e o Arinto; Os progressos da mecânica agrícola; Fermentos e fermentações; O mundo dos microorganismos; O Congresso internacional de grãos e farinhas; A videira em estufa perto de Groenendaal; Balseiros e recipientes de fermentação vinária; Contribuição ao estudo dos azeites; Entulhamento da azeitona; Exposição Internacional de Johannesburg; Os milhos do Chili e o nosso comércio para o Brasil; Vinhos de consumo directo; Condições a que devem satisfazer os mostos; O esmagador-prensa de efeito contínuo, sistema Morineau; Estudo sobre o valor oenológico das principais castas de videiras portuguesas; A crise vinícola; O mercado francês para os melhores vinhos; Uma excursão vinícola na Champagne; As indústrias dos lacticínios em Portugal; Regimen económico do álcool em Portugal; O ensino superior da agricultura em França; Notícia sobre o ensino superior da agricultura em Portugal; Propaganda vinícola comercial;

Le Portugal vinicole; Le vignoble et les vins de Portugal; L'enseignement agricole et les encouragements de l'État; O problema do álcool; Produção e comércio dos principais géneros agrícolas de Portugal; Le Portugal au point de vu agricole; (obra organizada de colaboração com êsse outro illustre e também já morto professor dêste Instituto, D. Luiz de Castro).

Disse sete conferências na Academia dos Estudos Livres; uma na Associação Comercial do Pôrto; uma em Santarém e diversas na Associação Central da Agricultura Portuguesa, sôbre vinhos, raças ovinas para produção de lã e carne, sôbre fabrico de azeite, etc.

Escreveu mais: A indústria das carnes nos Estados Unidos da América do Norte; Estudo do leite; Ensino agrícola; Leitaria Experimental do Instituto de Agronomia e Veterinária; A importação dos vinhos espanhóis; Catálogo oficial da secção portuguesa na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em 1908; O problema agrário nacional e a Companhia das Lezírias; Estudo sôbre alguns mercados externos para a colocação dos nossos produtos comerciais; Relatório para o Congresso Oleícola de Lisboa; Relatório para o Congresso Oleícola em França; Crónicas agrícolas; Une mission viticole en Portugal; etc., etc.

Fundou com D. Luiz de Castro e Joaquim José de Azevedo o Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa. Foi sócio fundador da Sociedade de Ciências Agronómicas de Portugal.

Como Director da Companhia das Lezírias do Tejo e Sado—a maior e mais importante empresa agrícola do país—teve ocasião de aplicar os seus conhecimentos como engenheiro-agrônomo.

Devido à sua intervenção na administração superior da Companhia, fez-se grande obra de melhoramento nos chamados salgados de Vila Franca de Xira, realizando-se aí uma verdadeira transformação em terrenos antigamente cobertos de *sapal*, cujo aproveitamento não ia além de magro pasto para o gado bravo, e onde se colhe actualmente cereais e forragens.

Foi por sua iniciativa que de Inglaterra foram importados os aperfeiçoados aparelhos de drenagem e lavoura a vapor, mercê dos quais se transformou aquela extensa região em mais de 4.000 Ha. de cultura de arroz e outros cereais.

Tão apreciáveis práticas agrícolas foram objecto duma comunicação sua na Sociedade de Ciências Agronómicas de Portugal, da qual então era presidente. Graças à sua perseverança e bem orientada acção, possui já hoje a Companhia um dos mais extensos olivais do

nosso país, com a área de 1.000 hectares, aproximadamente, e que pensava continuar, até aos 2.000 hectares, com o povoamento total de 200.000 árvores, estabelecendo assim o maior olival do mundo, talvez.

Fez parte de várias comissões oficiais para o estudo do pão e a questão do trigo. Colaborou na legislação cerealífera, como delegado da Associação Central da Agricultura Portuguesa.

Foi deputado às Côrtes.

Colaborou com Bernardino Machado, quando ministro das Obras Públicas, em várias medidas promulgadas em benefício da lavoura.

Foi organizador do Congresso de Leitaria e Oleicultura, etc.

Mas não pára aqui a sua esforçada e brilhante acção, como homem de ciência e como técnico.

Foi, ainda como tal, um sagaz, operoso e apreciável embaixador de Portugal em diferentes países estrangeiros, onde venceu a sua personalidade e defendeu o nome português, dando-o a conhecer em muitos casos.

Muito novo ainda—em 1889—foi mandado pelo Governo a França e outros países da Europa estudar os progressos do ensino agrícola. E dessa missão fez um largo relatório que, com a sua tese de fim do curso e a do concurso para o magistério, lhe deu entrada na Academia das Ciências de Lisboa, pela mão do inolvidável patriarca da agronomia nacional e ilustre académico Ferreira Lapa.

Em 1893 foi concorrente ao Congresso Pedagógico de Madrid, por ocasião do 4.º Centenário da descoberta da América, recebendo como prémio uma medalha de cobre.

Em 1894 foi encarregado pelo Governo de ir em missão especial aos principais países da América do Sul—Brasil, Uruguai, Argentina e Chili—estudar os seus melhores mercados internos para a colocação dos nossos vinhos, apresentando sobre o assunto um extenso relatório.

Em 1900, fez parte da grande comissão oficialmente encarregada de organizar a nossa representação na Exposição Universal, realizada em Paris, e foi aí o Comissário do Governo na secção de Agricultura, alcançando para o nosso País um verdadeiro triunfo nas recompensas conferidas aos nossos vinhos, azeites e cortiças. E obteve na mesma ocasião um *grand-prix* para a sua obra «Le Portugal Vini-
cole», a que Mr. C. Flahault se referiu nos seguintes termos, ao apreciar a exposição, nos Boletins da Sociedade de Geografia de Paris: «... Le Portugal y tient bonne place. Il s'est présenté à nous en 1900

e nous avons pu le louer. Il nous a laissé, à cette occasion, un livre, *un véritable monument*, qui nous instruit mieux que les trompe-l'œil d'une exposition sur l'état de son agriculture».

Foi nessa época também que a sua interessante apresentação, a dos nossos produtos, por êle encarecidos com amor e patriotismo, assim como as diversões de carácter nacional que promoveu, deram lugar à seguinte frase, amável e significativa, do Conde de Chandon de Brieller: «Monsieur da Costa, vous êtes un malin—avec une pareille musique et un tel vin, vous nous amenez près de Dieu».

Tomou parte nos Congressos Internacionais de Agricultura e Viticultura então realizados, tendo sido proclamado sócio honorário da Sociedade dos Viticultores de França, pelos seus estudos sobre vinhos.

Em 1902 foi nomeado delegado português no Congresso Internacional de Agricultura em Roma, onde defendeu os direitos portugueses sobre marcas de vinhos, especialmente no respeitante aos créditos dos vinhos do Porto.

Foi, por essa ocasião, agraciado com a comenda da Corôa de Itália.

Em 1904 foi mandado pelo Governo à América do Norte como comissário da Exposição Portuguesa na Exposição Universal de S. Luiz—World's Fair—onde alcançou as melhores vantagens e recompensas para o nosso país.

De 1911-1917 foi Director da Tapada da Ajuda, como propriedade anexa ao Instituto Superior de Agronomia, então ainda na sua antiga sede, ao Matadouro.

Em 1918, quando foi criado o Ministério da Agricultura, foi nomeado Inspector Geral da Agricultura, e ainda no mesmo ano foi feito membro do Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado.

Claramente se verifica no, decerto, incompleto resumo que deixo feito sobre a actividade científica e técnica do saúdoso professor Cincinato da Costa que se trata d'alguém com valor, que muito honra a escola onde professou, a classe a que pertenceu e o país que lhe foi berço.

Cincinato da Costa, investigando e exercitando a sua profissão, compreendeu que a ciência é mais uma maneira de pensar do que um corpo de doutrina; que é mais do que tudo um método de pesquisa, uma arte de combinar entre si noções abstractas, sob a verificação incessante da experiência.

E a tarefa não é fácil, nem acessível a todos, visto que exige ao mesmo tempo a viveza de imaginação, a prudência de cálculo e o esquecimento das ideias preconcebidas ou recebidas como dogmas. Assim, o axioma é substituído pela observação, a dedução pela experiência e a verdade imutável pela hipótese fecunda.

Entretanto — como li algures, a propósito de alguém — : nem andou constantemente na tuba da fama, nem foi *super-homem* de quem se ouvisse, a todo o momento, a «cega-rega» do nome, graças ao incenso da opinião e da imprensa.

Não; Cincinato da Costa pertencia antes àquela classe de homens que se vê ir subindo, elevando-se sempre para o cume da montanha, olhos fitos na luz do seu ideal.

É desses que fala Maeterlink, é a êles que Maeterlink chama os homens do silêncio, os que no silêncio estão preparando o bem comum, o futuro da Pátria.

São êles os que, discretos e silenciosos, trabalham sem arruído para a maior prosperidade da colectividade, que fabricam a ciência, que protegem o comércio e a indústria, que adornam a cidade com as flores da virtude, da ciência e das artes.

Êstes é que são os verdadeiros reis — para falar como Carlyle — que a própria natureza elegeu. São os reis da criação, são os verdadeiros missionários de Deus, da verdade e da bondade.

* * *

Alberto Sampaio pergunta no seu *Ontem e Hoje*: «Poder-se-ia entrar definitivamente na vida moderna, sem se tratar a sério das duas questões fundamentais em que ela assenta — o trabalho que cria a riqueza nas múltiplas manifestações, desde a lavoura até às indústrias artísticas, e o ensino que ilumina o espírito?

E conclui — e muito bem, a meu juízo — por julgar impossível a afirmativa.

Cada povo tem em si mesmo o germen do seu destino. E muito mal irá a um povo, como a um indivíduo, quando atingido por um vício congénito, visto que não há contingências da vida que o debelem.

Nós não queremos conhecer a situação, tal qual ela é na realidade, antes a imaginamos como muito desejariamos que ela fôsse.

Parece que nada pode matar-nos esta fagueira ilusão, não se reflectindo que a ilusão é a mais funesta das fantasias a que o homem

possa abandonar-se. E eu penso que semelhante estado de espírito, que tantas vezes é filho da ignorância, dá azo à ruína tão sòmente, resultando-nos por isso bem caro o prazer funesto de fechar os olhos à verdade.

É indispensável que acordemos e nos convençamos duma vez para sempre que o coeficiente acaso, que muitas vezes muda a sorte do indivíduo, nunca tem aplicação no que respeita às colectividades e que, por consequência, chega um período em que, fatalmente, a soma das suas qualidades ou dos seus defeitos as fazem elevar-se ou decaír. É uma fatalidade histórica que, indubitavelmente se realiza sempre que se não exercita a febril actividade física e intellectual que na hora presente, mais do que nunca, se impõe, para que se não seja esmagado na luta titânica que se está travando em todo o mundo.

Mas que êsse exercício seja realizado por cada um, sistematicamente, com espírito de seqüência, com ardor e confiança em si mesmo e nós compatriotas, com fé, saber e intelligência e pondo, consequentemente, de parte o detestável personalismo, que tamanho mal nos causa a nós portugueses.

A época do trabalho isolado e desordenado, cuído que passou de vez.

O individualismo sucumbe hoje por tôda a parte, perante as classes organizadas. O espírito da associação e o desenvolvimento da ciência contribuem cumulativamente para a maior prosperidade. O «trust» reúne nos países mais adiantados os esforços isolados. O progresso intellectual acompanha o progresso das indústrias: ao lado das fábricas e das oficinas fundam-se as escolas e abrem-se as bibliotecas.

É mais do que tempo de deixar de crer-se tôda a nossa vida à mercê dos fados, das bruxas e dos governos (do pobre estado-providência) e de tudo se pôr sob o patronato dos santos e o empenho dos políticos, visto como tudo isto, que é inane para uma vida sã e progressiva, é uma pura e bem triste mercê da completa falência do inestimável poder de iniciativa directa e que, na maioria dos casos, pelo menos, tem origem na falta de amor pela escola, no pouco respeito pela lei e no quási nulo espírito de seqüência e pertinácia nas ideas e no trabalho.

Aprender, aprender sempre e muito, ampliar quanto possível o horizonte intellectual e organizar, eis o segrêdo do progresso e da independência. Mas para que tão preciosos resultados se alcancem, é necessário que seja bem vivo e persistente o desejo de chegar a possuir a razão de todas as coisas e que êsse desejo atinja a feição duma

febre, que apaixone como um fanatismo, que lavre como um fogo e que irradie como a claridade duma aurora. Assim, e sob o conseqüente e benévolo influxo da civilização resultante, na razão directa da riqueza do solo, do bem estar da família e da garantia individual, se conseguirá, cuido eu, que tanto do domínio intelectual, como do material, da inteligência dos indivíduos, como das forças da terra, se conseguirá, repito, que surja *um povo, maravilha dos povos, num mundo que é a maravilha dos mundos*.

Nada, pois, do *jinguismo* ou *chauvinismo*, que revelam incompreensível e pernicioso orgulho, defeito que de maneira quasi certa vota uma nação à ruína. Mas menos ainda aquele outro defeito muito nosso, infelizmente, que considera o país, em tudo e por tudo, inferior a qualquer outro! Semelhante defeito constitui uma clara manifestação do fatalismo oriental e muito também da tradicional cobardia chinesa. É por tudo isto, penso eu, que tanta vez fracassa na nossa terra quasi tudo quanto ainda nos resta de vivacidade e audácia, de vontade e esperança, de ambição e de fé; tudo quanto possamos ter de inteligente e apto para o empreendimento; tudo que é seiva de energia, de músculo da mocidade, confiança na vida; tudo quanto agita um sentimento de revolta perante a rotina e o preconceito.

Falha entre nós, enfim, e quasi por completo, o «*Help yourself*» dos americanos.

É indispensável arripiar caminho. Mas, para tanto, impõe-se o vivo culto pela ciência, mas, sobretudo, da ciência que seja susceptível de immediata applicação e cujos resultados económicos não sejam incertos. E que assim é, prova-o à sociedade o esforço das nações mais progressivas, que inteiramente mudaram a sua orientação e entre as quais figuram em primeiro plano a Alemanha, o Japão e a América. Ali é notável a auréola do professor, mórmente desde que o seu ensino seja de immediata utilidade. E penso que é por isto que estes países são uns formidáveis realizadores e mútuos émulos e onde constantemente se enlaçam os interesses pessoais com uma inexcedível fé patriótica, acrescida dia a dia, mercê de sã e fecunda emulação que constantemente impele para a primeira linha do progresso. São, enfim, povos tão perfeitamente unidos na sua marcha para a superioridade como outros não existem. É que a sua actividade procura apoiar-se constantemente, e duma maneira inteligente, e com profunda convicção, em bases científicas.

E é por isso que a tôda a hora se lhes ouve proclamar que, cedo ou tarde, a empresa guiada pelo empirismo será fatalmente ven-

cida pela similar que tiver por mentor a ciência. A rotina e a tradição não tem ali qualquer império. Despreza-se o espírito anti-científico, o princípio da autoridade que pretende impôr como doutrina incontestável todas as afirmações legadas pelo passado, porque se entende -- e muito bem, a meu ver -- que sendo a actividade humana uma emanção da ciência, deve estar como esta, em evolução constante: — *«L'homme peut plus qu'il ne sait»* — como disse o grande Claude Bernard.

O alemão — porventura mais do que nenhum outro povo — quer saber mais para poder mais ainda.

Resulta de tudo isto o prodigioso desenvolvimento do seu ensino, cuja especialização vai até ínfimas minúcias e, conseqüentemente, os progressos extraordinários da sua cultura da terra, por exemplo, os quais são observados com a maior atenção pela Dinamarca, Holanda, Suíça, Bélgica, Scandinávia e até, e muito especialmente, pelos Estados Unidos. São, por isso, muito estreitas as relações entre as associações agrícolas destes dois países, considerando a América os trabalhos da agronomia alemã como modelos a seguir nas gigantescas explorações da *Far-West*.

Assim sendo, razão tinham as publicações que celebraram o jubileu de Guilherme II, quando proclamavam que *«a grande cultura actual provém da independência e da unidade conquistadas, visto que um povo que vive na mediocridade tem conhecimentos e desenvolvimento de ideias demasiado estreitas. Uma civilização mais alta não pode expandir-se numa sociedade que não gose um bem-estar geral, e reconhecida deve ser por isso a Alemanha ao seu saber e à técnica que conquistaram a facilidade de milhões de homens poderem gosar uma vida melhor»*.

Na verdade, veja-se o que é o célebre «Deutsches Museum» de Munich, como formidável fonte de novos conhecimentos para o erudito, de ideias fecundas para os técnicos e de ensinamentos práticos para o povo, e certo se fica de que são dogmáticas as afirmações acima feitas, através da prodigiosa acumulação de relíquias e novidades respeitantes a todos os ramos do saber humano, constituindo uma brilhante e inexcedível lição de coisas, um perfeitíssimo modelo de pedagogia.

Observando-se a feição do ensino técnico, nos já citados países (não se tenha pejo, porque o caso é apenas digno de que se tenha muita inveja) verifica-se que, em todos, todos os ramos do saber, a escola de qualquer grau — elementar, médio ou superior — é sempre

uma escola acentuadamente prática, utilitária, realista. Ver para compreender, eis o lema. Teorias, só por si, são pura literatura e nada mais. Todas as abstracções se querem e são verificadas ao vivo, por palpáveis realidades. Algarismos, palavras sem mais nada, são pura metafísica. Coisas que se vejam e se toquem, que vivam, que sejam meios e que tenham fins—é tudo isto o que nessas escolas se quer, porque é disso que se necessita.

Diga-se muito embora—e diz-se muito, efectivamente—que não é este o ensino que conduz as inteligências à supremacia criadora, à afinação de faculdades que predispõem para o invento, para a investigação. Mas eu confesso que não estou inteiramente de acôrdo, porque mil e um factos refutam triunfantemente semelhante asserção. E se não, veja-se, por exemplo, o que foi, donde veio e porque vias chegou à glória e à fortuna o grande Edison que há dias mergulhou na algida paz do túmulo. Considere-se, bem atenta e desapassionadamente, as indescritíveis galerias do «Patent Office», em Washington, esse maravilhoso repositório das colecções de modelos que justificam as patentes de invenção. Aí se avalia, de maneira perfeita e iniludível, as faculdades de investigação e inventiva dum povo que orienta a sua instrução por esta forma.

Mas, como quer que seja, o que ninguém poderá contestar é que seja este o ensino soberano no campo das applicações.

Semelhante processo de educação e o seu desenvolvimento de expansibilidade—demonstra Murray Butler no seu livro *Introduction of the Education of the United States*—é o regulador da produtividade. Assim—diz o autor—que no Estado de Massachussets, onde a educação está para os restantes como 70:40, a capacidade produtiva individual atinge relativamente aos demais Estados, a proporção de 60:37.

Ora, Cincinato da Costa, pelo que até aqui tenho dito, demonstrou que quis e conseguiu—como professor e como técnico—contribuir valiosamente para o elevado e patriótico fim anciado por Alberto Sampaio e que nestes países tão perfeitamente se realiza.

Pôsto isto, lógico é concluir que a personalidade científica de Cincinato da Costa se põe em evidência pela tripla qualidade de professor, de homem de laboratório e de iniciador, ensinando com decidida segurança profissional, trabalhando com delicada precisão, levando às instituições oficiais e particulares de que fez parte o melhor da sua actividade, que constantemente deseja progressivos desenvolvimentos de organização, de material e de métodos.

Reconhecer semelhante feição da individualidade de Cincinato

da Costa, a sua sólida e potente envergadura, faz, em meu conceito, na imobilidade dêste país, um grato contraste e destaque que avulta e constitui uma consagração, que é larga e também duradoira, porque é justa. E, entretanto, o seu valor e serviços foram algo reconhecidos e premiados em vida, como se verifica pelas distinções honoríficas que lhe foram conferidas:

- Sócio da Academia das Ciências de Lisboa;
- Membro correspondente do Instituto de Coimbra;
- Sócio honorário da Associação Comercial do Porto;
- Sócio honorário da Sociedade Geral dos Viticultores de França;
- Membro correspondente da Sociedade de Agricultura da Gironda;
- Membro efectivo da Comissão Permanente Internacional de Agricultura;
- Membro do Conselho Superior Técnico da Direcção Geral de Agricultura;
- Sócio honorário da Academia dos Estudos Livres;
- Sócio correspondente do Instituto Geográfico Argentino;
- Oficial da Legião de Honra;
- Comendador da Corôa de Itália.

* * *

Como chefe de família, Cincinato da Costa foi, durante anos, após o seu casamento, um bem ditoso marido e pai. Mas volvido um período de tempo relativamente curto, passou a ser um constante amargurado pelos repetidos e fundos golpes da mais dura adversidade que pode atingir um afectivo e um bom como êle era.

Cincinato da Costa primeiramente sofreu, sim; foi humanamente sensível ao duro pungir dos golpes do infortúnio, mas, em certo modo, de todos os desastres, daquele tremendo desabar, cobrava ânimo, como um forte e varonil que sempre se mostrou, colhendo, por outro lado, lenitivo às suas dores no carinho e affecto dos entes queridos que lhe iam restando e que cada vez se acrisolava mais.

Mas, ferido com horrível constância nos seus mais queridos affectos, perseguia-o a infelicidade, martirizando-o com desgostos.

Dir-se-ia que a morte, ceifando a vida e roubando-lhe os entes mais queridos—pai, irmãos, filhos e esposa—estava apostada a trazer-lhe sempre perante os olhos o seu hediondo «facies», sestro fatal que havia de pesar-lhe no torturado coração como um preságio.

Assim, e agravado semelhante estado de ânimo pela própria doença, o pezar tornou-se para êle extremo: não levava em si nenhum lenitivo.

«O seu espírito deixou de compreender as atenuações naturais de todo o infortúnio e o seu coração deixou de conhecer a relativa alegria da desgraça, ou seja aquela luz, embora ténue, que mesmo nas mais duras trevas da alma, rasga a escuridão e nos deixa enxergar longínquos horizontes menos carregados, quando não até algo rissonhos.

A feroz persistência do cruciante martírio inibiu-o por fim de respirar as auras daquela região. E assim, caiu na superstição do infortúnio. Julgou-se votado a êle e curvou-se à sua sorte».

* * *

Cincinato da Costa, que nunca foi político na vulgar acepção da palavra, decidiu-se um dia a deixar-se eleger.

Foi deputado, entrou na política convencido, talvez, de que nesse largo e alto campo de actividade seria—e podia sê-lo—elemento de assinalado valor. Mas foi iludida a sua esperança, porque verificou que a sua superior aspiração só poderia ter realidade em regiões onde a politica não cuida da satisfação de interêsses pessoais ou de ridículas vaidades, mas, pelo contrário, aspira ao ideal de consubstanciar em si a síntese de todas as ciências sociais e técnicas, curando essencialmente do bem da comunidade e respeitando todos os direitos.

Aspirava, certamente, àquele nobre ideal que foi o do grande tribuno, do maior tribuno que ainda houve nesta terra—José Estêvão—
«Juiz só, a julgar só; um rei só, com ministros responsáveis a executar só; um corpo legislativo só, a legislar só; uma representação extensa; uma família social; nacionalidade segura; administração sem oprimir; autoridade com confiança; justiça com independência; fazenda regulada; despesas com economia; tratados com indústria; reciprocidade sem perdação; ordem sem entusiasmo; e liberdade sem sofisma».

Queria ainda que o partido deixasse de ser «um engenho político incapaz da acção própria e embargante da acção dos outros, em seu grémio ocioso e solipso, que afastasse e maltratasse como apóstatas todos os que se não curvassem às suas idolatrias».

Imaginara uma perfeição moral e um equilíbrio mental que não encontrou, vendo assim iludida a sua boa fé, coragem e isenção, e ao verificar que êsse paraíso terrestre se desvanecia, e que não havia

modo de banir da nossa existência, em geral, e da nossa política, em particular, a queda e o pecado, «abandonou—como diz o Prof. Sousa da Câmara—o campo àqueles de carácter menos intranzigente, mais submissos, mas, por isso mesmo e por via de regra, menos cultos e de espírito esclarecido».

Desiludido, pois, e profundamente maguado pelo assassinio de *seu extremoso e fionrado pai* abandonou definitivamente os trabalhos parlamentares com o coração de filho a sangrar e cheio de tédio pela política e pelos políticos, refugíando-se inteiramente no seu gabinete, entre os seus livros e os seus estudos. E ainda bem, porque deixou, porventura, de se enlamear onde certamente se afundaria, e voltou para a sua alta e proveitosa actividade técnica e científica, ao seu labor quotidiano e firme da Escola, do ensino, da preparação dos alunos com que se há-de reconstituir este grande Portugal, furtando-o ao desregramento dos costumes morais e políticos, ao abastardamento geral dos caracteres e das consciências, à rampa extrema dos egoísmos e das baixezas.

Porque, em boa verdade, a decadência da intelectualidade nacional não é das menores crises que nos afligem, nem há mais nítido sintoma da envenenada atmosfera moral que respiramos.

As profissões desinteressadas e nobres encontram cada vez menos público que as ampare.

A política, a mais rasteira política, é a ocupação absorvente dos portugueses cultos e passou a ser a única carreira que trás consigo a notoriedade e se impõe ao embasbacamento público.

O sangue na guelra dos nossos rapazes não os impele para as iniciativas ousadas, para a aventura, para o sonho da renascença nacional; e cansados todos antes do trabalho, enojados de antemão duma luta que não conheceram, todos se preparam para assistir de braços cruzados à irremediável abdicação da alma portuguesa—como aqueles moiros fatalistas, que nas tardes tristes do Mogreb, acocorados nos terraços de suas casas, vêem morrer o sol no claro horizonte, e se sentem morrer com êle, impassíveis e lentos, entre as ruínas brancas das suas velhas cidades.

Os povos modernos não se governam por anacrónicas constituições e por importunos códigos. Não se contentam com palavras. Governam-se por interesse.

Integrar, pois, os interesses económicos com os interesses morais e estéticos e pôr, quanto ser possa, de acôrdo o interesse de cada um com o de todos, eis a missão mais alta e proveitosa da política.

Eis como se embarga aquilo a que se chamou já, em frase feliz, o «progresso da decadência».

Assim, sendo, só o princípio da autoridade técnica, culta, esclarecida e honesta prevalece e dirige. E, como disse Ramalho Ortigão, a especialização científica é um título à consideração do futuro.

Foi profeta Ramalho Ortigão, porque de facto, a especialização impõe-se, presentemente mais do que nunca, como condição *sine qua non* do progresso, visto como as novidades e os melhoramentos técnicos precipitam-se dia a dia com tal rapidez que a ninguém é possível alcançá-los e assimilá-los a todos da maneira mais proveitosa, quando respeitam a um dilatado âmbito de estudos, como a agronomia, por exemplo.

Querer que um cérebro único tudo abarque e em tudo seja seguro e perfeito, é querer o impossível e condenar portanto êsse técnico a uma fatal inferioridade.

Nem a inteligência, nem a instrução geral, por mais perfeita que seja, pode compensar a competência técnica, de experiência feita, portanto.

Não há erro maior—escreveu Blohm e Voss—*do que pensar-se que o homem puramente científico pode infundir as suas ideias a um prático encarregado de as executar. É indispensável que o homem científico seja, simultaneamente, um prático, para que, como tal, saiba, judicious e economicamente, utilizar o que o teórico achou.*

Mas para tanto, para que dia a dia, e com êxito, se ataquem novos problemas, impõe-se, além da existência destas competências especializadas, estabelecimentos, institutos ou como se queira chamar-lhes, devidamente apetrechados com material e dotações—o avesso, exactamente, do que não é raro observar-se na nossa terra: instalações pobres, tanta vez, com dotações tão mínguas, quasi sempre, que chegam a ser nulas na tabela das despesas do Estado.

* * *

Cincinato da Costa foi homem com coração e grandeza de alma, que talvez poucos conheçam, e nem por isso deixou de sofrer desgostos no trato com os homens e, principalmente, porque era «um carácter superior e um superior talento, visto que tinha tanta perspicácia para conhecer a verdade como força para propugnar por ela». E por isso foi muitas vezes vítima das mordeduras da inveja e do ódio daqueles que, julgando-se *super-homens*, eram por êle relegados para

a sua insignificância, impiedosamente castigados na injustificada e vaidosa presunção, que vamos suportando cá neste mundo, vendo-os fazer do patriotismo uma lenda irrisória e da ruína dos outros (em proveito próprio, ou em satisfação de ódios e emulações injustificáveis) invariável e certíssimo programa da vida.

Para êsses o egoísmo é lei real e merecedora de respeito, e as suas afirmações são dogmas a que todos devem submeter-se.

Portanto, como já dizia o nosso grande épico: «Agora, ou se há-de viver no mundo sem verdade, ou com verdade sem mundo».

Certo é que êsses são entes desprezíveis, pígmios pedantes que não conseguem amesquinhar e que um dia serão vítimas das suas feias acções (porque só se não reduz através do tempo a perfeita e sólida estatura intelectual e moral dos homens) e para quem é justo invocar o grande poeta das misérias humanas: *on les regarde et l'on passe*.

A entes dêste estôfo, que grave e insólitamente insultaram Cincinato da Costa, sem o mínimo respeito pelo seu nome e idade, consentiu o mesmo bondoso Cincinato da Costa—após reiteradas instâncias—estender a sua mão protectora, satisfazendo aspirações puramente materiais. E fazia-o com uma isenção e magnanimidade verdadeiramente evangélicas que assombram talvez mais ainda do que os próprios impetrantes que, com inexcedível baixeza, exploraram a generosidade que—quer-me parecer—escarneceram depois!...

Neste mundo, e actualmente mais do que nunca, é bem necessário, é duma significação e importância incontestáveis, procurar conhecer os homens, tão habituado se vai estando a ver na acção aparentemente isenta ou válida, o reflexo dum feroz egoísmo ou o espelho duma formal incompetência, correndo parelhas com a grosseria de caserna, e indo assim através da vida sempre em triunfo.

O Professor Blackie diz que o dinheiro, o poderio, a liberdade e a saúde não são absolutamente necessários. Sòmente o carácter nos poderá salvar. E eu estou de acôrdo.

* * *

Conheceis agora, meus senhores, embora a largos traços estudado, o que foi êste grande vulto da Agronomia Portuguesa, que a minha palavra, pobre de galas e carecida de inspiração, não pôde exaltar como merece. Mas, a despeito disso, vêdes bem que esta comemoração representa uma data inolvidável e solene que enternece-

mente obriga à gratidão e cuja comovida celebração se nos impunha como um dever sagrado. Porque a interessante e grande figura de Cincinato da Costa—talhada em bronze pelo carácter, fulgurando como um sol pelo espírito, foi uma das mais altas e esplendentes glórias da Agronomia nacional.

* * *

Meus senhores: Tardieu, quando chefe do govêrno francês disse, em sessão pública de antigos combatentes da Grande Guerra, de que fez parte, *que os mortos deram tudo*. E pediu *que os vivos dêem quanto possam*. E disse também *que contra a poderosa decadência, a desordem, a rotina e a inércia há também a ganhar uma batalha digna, altiva e fraternal*.

Por nossa banda, no actual momento histórico, nesta anciada quadra de incertezas, incoerências e vagos pressentimentos, que a todos mais ou menos preocupa e agita e em que uma admirativa recordação do passado se conjuga com uma espécie de messiânica fé no futuro, lógico se torna que esta homenagem de póstuma consagração ao Professor Cincinato da Costa signifique um pouco mais do que um mero preito de compungida saúde sôbre um túmulo: que sirva de pretexto para incitar à emancipação, afinamento moral e progresso social ante a grata lembrança de quem tão admiráveis exemplos de inteireza, de virtude, de honra, de independência e altivez nos legou.
